

* *

*

BASSET, John — *William Faulkner — The Critical Heritage*, London & Boston, Routledge & Kegan Paul, 1975, 422 p.

Surge mais uma coletânea sobre o ficcionista norte-americano William Faulkner, contendo artigos e notícias críticas dos mais representativos já escritos. Outros trabalhos de valor, do mesmo gênero, já apareceram, e citaríamos ao acaso os muito conhecidos *Faulkner: a Collection of Critical Essays*, de Robert Penn Warren (1ª ed. de 1966), e *William Faulkner: Three Decades of Criticism*, de Frederic J. Hoffman e Olga W. Vickery (1ª ed. 1960). Entretanto, dada a grande quantidade de material existente (só entre 1959 e 1969 foram escritos 40 livros sobre Faulkner, além de centenas de artigos e 80 teses de doutoramento nos Estados Unidos), notamos com surpresa que apenas dois dos 94 itens incluídos no volume de Bassett repetem-se nas duas obras anteriormente citadas. Estes são os antológicos “Faulkner’s Mythology”, de George Marion O’Donnel, e “William Faulkner, the Novel as Form”, de Conrad Aiken.

Foi de grande conveniência o enfeixamento de artigos esparsos em capítulos de livros (como o tradicional “William Faulkner: the Negro and the Female”, de 1942, incluído no livro *Writers in Crisis*, de Maxwell Geismar) e em revistas diversas. O intenso trabalho de procura de material é facilitado assim pela reunião a um só tempo, daquilo que é mais significativo em cada época.

Além disso, é de interesse especial confrontar análises feitas por autores que se dedicam, eles próprios, à criação literária e não só à crítica, como Eudora Welty, Graham Greene, Sean O’Faolain e Lillian Hellmann, presentes nos artigos de nºs 38, 62, 51 e 9.

Na longa Introdução de 41 páginas, que constitui por si só mais um estudo, desta vez das tendências dos próprios críticos no decorrer de várias décadas, o autor nos alerta para o perigo da palavra “crítica”, que tanto se refere às curtas resenhas, como a artigos em jornais, às análises interpretativas em revistas literárias e em livros, como aos estudos em profundidade dos especialistas no assunto. Consideramos que esta é, justamente, a causa da irregularidade no valor dos itens incluídos neste volume: eles pertencem a todas as categorias enumeradas acima.

Bastante acertada e útil a divisão em décadas, expondo de forma resumida as transições sofridas em cada uma, pois isto não é feito no índice geral, onde os itens são agrupados de acordo com o título de cada romance ou conto.

Estranhamos a inclusão de trabalhos publicados somente até 1954. Explicando a escolha, Bassett ressalta que, uma vez que houve um afluxo de artigos

e livros de excelente qualidade depois de 1950, ano em que Faulkner recebeu o Prêmio Nobel de Literatura — e que podem ser facilmente encontrados — foi dado maior destaque aos artigos do período anterior, de mais difícil acesso.

Um ponto positivo neste volume é a explicação, em apenas meia dúzia de linhas após o nome do crítico, sobre a sua posição, sobre a situação em que escreveu, ou até mesmo, no caso de autores pouco conhecidos, constituindo uma apresentação.

Já um detalhe — que reconhecemos ser forçoso — é um tanto irritante: a freqüente eliminação de passagens, embora dispensáveis, no corpo do texto, com as explicações “o autor resume seu método”, ou “o autor faz uma sinopse”, etc.

Pela junção desses vários artigos, poderemos verificar a diferente aceitação que teve Faulkner na evolução das “modas” literárias: a crítica “marxista” na década de 30, a Nova Crítica, a crítica de cunho “psicológico”, que ressaltava a violência e os aspectos mais obscuros ou mórbidos da obra do ficcionista. (Foram tantas essas especulações sobre a vida real de Faulkner, que o fizeram perder a paciência e declarar em público que nascera de “uma escrava negra e um jacaré”).

Vemos, ao longo do exame dessas publicações, que até mesmo as ondas políticas como o macartismo, que se ressentia com qualquer tipo de restrição feita aos Estados Unidos, influíram para que, por exemplo, o *Free Press* de Detroit classificasse Faulkner como “o pai da difamação sulista”

Um crítico de 1926, Thomas Boyd, debatendo-se para encontrar um significado em Faulkner, estando ainda fortemente aturdido pelo *Ulysses* de Joyce, nos informa: “na melhor das hipóteses esses *non sequitur* [em *Soldier's Pay*] são divertidos, reminiscência suspeita do sonho maluco de Leopold Bloom” Mas a nossa suspeita maior é que ele estava tendo dificuldade em apreender o sentido da técnica usada por Faulkner, quando disse: “. . . continuando a estória, parece que o autor está lutando para cortar qualquer contato com o mundo exterior e subir até uma esfera esotérica que ele próprio concebeu” “O Sr Faulkner quase não se submete a controle algum quando escreve; freqüentemente sua prosa impressionista é honesta mas desleixada” (nº 5, p. 57) É interessante notar como se sentia em plano superior esse jornalista e escritor, hoje por nós desconhecido, e que deixou de notar algumas qualidades óbvias nos romances de Faulkner.

A mudança de atitude, como no exemplo dos críticos europeus, é vista no momento exato em que Arnold Bennett, que o havia crucificado em uma crítica anterior, diz em 1930: “ geralmente ele escreve como um anjo. Nenhum dos astros [literários] americanos o supera quando está em seu melhor estilo” (nº 7, p. 62). Faulkner recebia assim a bênção dos europeus, a princípio muito ácidos e arredios, e iniciava sua aceitação além do Atlântico.

Temos a satisfação de ver que muita coisa foi mudando desde a afirmação da inglesa Rebecca West de que *Sanctuary* era uma imitação dos per-

sonagens de André Gide, Bret Harte e Sherwood Anderson, e “unicamente sua sujeira e hediondez realmente representam uma nova contribuição à literatura” (nº 29, p. 116) Já em 1948 Richard Chase faz um estudo sério da complicada técnica de Faulkner, analisando especialmente sua estrutura, ligada com os paralelos de símbolos ou mitos, com a idéia de movimento e imobilidade, e com a falta de comunicação entre os homens. Vê também, como Robert Penn Warren, que Faulkner não é um escritor que “escreve sobre o sul”, mas que escreve sobre os problemas do homem. (nº 89, p. 350)

É curioso verificar a acomodação da crítica, desde a estupefação causada pelo aparecimento de *Sanctuary*, que pela sua violência gerou os ataques de “The School of Cruelty”, de Henry Seidel Canby (nº 26, p. 107), até a atitude dos anos 50, após a atribuição do Prêmio Nobel. Esta atitude tornou-se radicalmente oposta à da década de 20, quando ele ainda era quase desconhecido. Pois, havendo os próprios críticos criado o mito Faulkner, era preciso cuidado para não feri-lo, mesmo sabendo-se que a produção dos últimos anos não representa o melhor de sua ficção. Uma exceção é Leslie A. Fiedler, que se sente à vontade para achar que Faulkner é “um bom mau escritor”, e contrariando a todos os que os compararam a Proust, Joyce ou Henry James, o compara a Charles Dickens. (nº 92, p. 380).

Seria impossível nos determos mais na análise de cada um dos itens, mesmo limitando-nos aos mais significativos. Mas podemos afirmar que a reconstituição, como num mosaico, do panorama da crítica sobre Faulkner em quatro décadas de atividades, nos faz recomendar aos estudiosos deste assunto a coletânea de John Bassett, que é mais uma indispensável fonte de referências.

YEDDA TAVARES